

Tecnociência, governamentalidade neoliberal e educação: análise de enunciações de egressos de um curso técnico

Resumo

O artigo problematiza os efeitos da tecnociência vinculada à governamentalidade neoliberal na formação do Técnico Agrícola do IFRS-Sertão. O material de pesquisa é constituído por entrevistas realizadas com quatro egressos do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio da referida instituição. Em termos metodológicos foi realizada uma pesquisa qualitativa, sendo os dados escrutinados na perspectiva da análise do discurso, como proposta por Michel Foucault. O exame das entrevistas mostrou que a tecnociência: a) é uma forma de exercício da governamentalidade neoliberal; b) sustentada por determinadas verdades, governa os estudantes a admitir que é o que pode levá-los a conseguir excelentes colocações no mercado de trabalho agrícola. Conclui-se, por fim, que o referido Curso Técnico conduz os alunos a admitir que a tecnociência é o que pode levá-los ao sucesso em sua vida profissional e que, para isso, a continuidade nos estudos é importante.

Palavras-chave: curso técnico agrícola; entrevistas; tecnociência; governamentalidade neoliberal.

Neila Toledo

Instituto Federal Catarinense – IFSC
– Rio do Sul/SC – Brasil
neila.toledo@ifc.edu.br

Para citar este artigo:

TOLEDO, Neila. Tecnociência, governamentalidade neoliberal e educação: análise de enunciações de egressos de um curso técnico. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 358-380, jan./abr. 2022.

DOI: 10.5965/1984723823512022358

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723823512022358>

Technoscience, neoliberal governance and education: analysis of statements by graduates from a technical course

Abstract

The article discusses the effects of technoscience linked to neoliberal governmentality in the qualification of agricultural technicians of IFRS-Sertão. The research material consists of interviews with four graduates enrolled in the technical course in agriculture and livestock integrated to high school in that institution. In methodological terms, the research conducted is qualitative, and the data were scrutinized from the perspective of discourse analysis, as proposed by Michel Foucault. The analysis of the interviews showed that technoscience: a) is a form of exercise of neoliberal governmentality b) supported by certain truths that lead students to admit that this can lead them to achieve excellent placements in the agricultural labor market. Finally, the study concludes that the technical course allows students to acknowledge that technoscience can lead them to success in their professional life and for this, continuity in studies is essential.

Keywords: agricultural technical course; interviews; technoscience; neoliberal governance.

Tecnociencia, gubernamentalidad neoliberal y educación: análisis de los enunciados de los egresados de una carrera técnica

Resumen

Este artículo discute los efectos de la tecnociencia vinculada a la gubernamentalidad neoliberal en la formación del Técnico Agrícola en el IFRS-Sertão. El material de la investigación consiste en entrevistas realizadas a cuatro egresados del Curso Técnico en Ciencias Agropecuarias Integrado a la Educación Secundaria de esa institución. Desde el punto de vista metodológico, se ha llevado a cabo una investigación cualitativa, en la que los datos se han examinado desde la perspectiva del análisis del discurso, tal y como propone Michel Foucault. El análisis de las entrevistas mostró que la tecnociencia: a) es una forma de ejercer la gubernamentalidad neoliberal; b) sustentada en ciertas verdades, gobierna a los estudiantes para admitir que es lo que puede llevarlos a conseguir excelentes colocaciones en el mercado laboral agrícola. Por último, se concluye que el mencionado Curso Técnico lleva a los alumnos a admitir que la tecnociencia es lo que les puede llevar al éxito en su vida profesional y que, para ello, la continuidad de los estudios es importante.

Palabras clave: Curso Técnico Agrícola; entrevistas; tecnociencia; gubernamentalidad neoliberal.

Introdução

Neste artigo, discuto como a governamentalidade neoliberal, sustentada por determinadas verdades, atua na formação do Curso Técnico Agrícola do IFRS-Sertão¹, desenvolvendo ao mesmo tempo um governo político – técnicas de dominações que uns exercem sobre a ação dos outros – e um governo ético – técnicas de si que cada sujeito desenvolve sobre si mesmo (VEIGA-NETO; SARAIVA, 2011).

Nesse ínterim, destaco que na governamentalidade neoliberal acontece a subordinação da “[...] racionalidade política (e demais domínios da sociedade) à racionalidade econômica” (LAGASNERIE, 2013, p. 48). Desse modo, “[...] o Estado é colocado sob a vigilância do mercado; ele deve governar não apenas para o mercado, mas também em função do que dita a lógica do mercado” (LAGASNERIE, 2013, p. 48).

O mundo globalizado e as novas configurações do capitalismo vigente trouxeram consigo implicações que provocam transformações em todas as esferas da vida humana (cultural, econômica, social, política, etc.) (BOCASANTA; KNIJNIK, 2016) e nos modos de pensar a ciência (MOCROSKY; BICUDO, 2013). Em outras palavras, a concepção de ciência que emergiu junto com a modernidade também vem sofrendo mudanças “possivelmente a mais significativa delas é sua estreita relação com a tecnologia” (BOCASANTA; KNIJNIK, 2016, p. 140).

Esse novo entendimento de ciência que, emergiu junto com a modernidade, nomeada por Latour (2011) como tecnociência², provocou mudanças na prática científica. De modo que, o conhecimento científico deixou de ser entendido como um fim e um bem em si mesmo, para se transformar em um meio para outras finalidades (econômicas, políticas e sociais). A tecnociência contemporânea representa o entrelaçamento da

¹ O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Sertão (IFRS-Sertão) originou-se da Escola Agrotécnica Federal de Sertão (EAFS), em decorrência do plano de reconfiguração da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (RFEPT), desencadeado juntamente com a política de sua expansão, na criação dos IFs no Brasil. A instituição localiza-se no município de Sertão (RS) (TOLEDO, 2017).

² Nesta pesquisa, enfatizo que não pretendo fixar um conceito final para essa expressão, mas apresentar alguns usos que julgo produtivos e importantes. Não tenho a pretensão de expor sistematicamente nem exaustivamente o termo tecnociência. O que quero é introduzir algumas ideias, a fim de qualificar a discussão que aqui estou propondo.

produção de conhecimento científico, das técnicas e do capitalismo no interior da racionalidade neoliberal vigente (TOLEDO, 2017).

Em concordância com essas ideias, salientam Desuó e Pucci (2007, p. 8) que a condução da sociedade é operada pelo capitalismo em comum acordo com “a tecnologia e a indústria cultural”. Esse fator tornou-se intenso nas últimas décadas, de modo que “o capital e a ciência”, por meio da “nanotecnologia, biotecnologia e tecnologia digital”, interferem nos modos de conceber a vida e nela acarretam transformações (DESUÓ; PUCCI, 2007, p. 8). Atualmente, “a tecnociência, articulada ao capital global, vem desqualificando e ultrapassando não só os modos de produzir, de viver e de pensar do homem contemporâneo, como o próprio ser humano” (DESUÓ; PUCCI, 2007, p. 8). A tecnociência provoca mudanças na prática científica, com a modificação dos propósitos e da atitude científica. A mais significativa consiste em que o conhecimento científico “[...] deixa de ser entendido como um fim e um bem em si mesmo, para se converter em um meio para outras finalidades (econômicas, políticas e sociais)” (CUPANI, 2015, p. 175).

A filósofa Esther Diaz (2007) aborda a tecnociência sob uma perspectiva epistemológica, concebendo-a como um conjunto de condições que contornam a produção do conhecimento. Desde meados do século XX, não se fez mais possível a diferenciação entre ciência e técnica, sobretudo com o entendimento de que a maioria dos avanços científicos passa a ser mobilizada a partir de um aparato técnico, principalmente no que se refere a questões como o transporte, a saúde ou a comunicação. Entretanto, o principal aspecto pelo qual a tecnociência poderia ser compreendida está na forma como ela é conduzida. Isso acontece, em geral, pelas normas do mercado (DIAZ, 2007). Aqui, destaco um primeiro modo de compreensão da tecnociência que interessa a esta pesquisa: suas articulações com o mercado neoliberal vigente na atualidade, em suas diferentes nuances.

Desse modo, os discursos da ciência, na atualidade, inclinam-se a serem úteis ao discurso da tecnologia e do mercado vigente, constituindo, assim, uma constante troca de interesses em que, “[...] o mercado tende a fornecer suporte, legitimidade e impulso para os avanços técnico-científicos, a tecnologia confirma a “verdade” do funcionamento do mercado”. Ou seja, a tecnociência, para o autor, é uma “[...] máquina, uma locomotiva em marcha [...]. Não pode e não deve ser obstaculizada, dirigida, politizada”. Portanto,

faz “[...] parte do funcionamento de um dispositivo que contribui, ao mesmo tempo, para modular a construção dos saberes, a constituição dos sujeitos, o funcionamento do governo de si e dos outros” (CASTELFRANCHI, 2008, p. 10).

Na atualidade, estudos (BOCASANTA; KNIJNIK, 2016; SILVA, 2011) mostram o lugar privilegiado que a educação escolarizada e não escolarizada ocupam na busca de tecnocientificar (todos) os indivíduos e a sociedade, ou seja, a tecnociência em nossos tempos é posicionada no centro do processo educativo como um meio de garantia do progresso socioeconômico do indivíduo e da nação. É neste contexto, brevemente apresentado, que se insere a pesquisa realizada que propiciou a escrita deste artigo. Na próxima seção, é apresentado o referencial teórico-metodológico e a descrição do material de pesquisa.

Referencial teórico-metodológico e material de pesquisa

Para fins de análise, no presente estudo, foram considerados como material de pesquisa entrevistas com quatro egressos³ do curso Técnico em Agropecuária do IFRS-Sertão. A estratégia analítica posta em ação para operar com esse material orientou-se pela análise do discurso em uma perspectiva foucaultiana. Seguindo as formulações de Foucault, considero a noção de discurso “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2013, p. 60), e não como um “[...] puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras” (FOUCAULT, 2013, p. 59).

Para o filósofo, discurso é “[...] um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” ou um “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2013, p. 143). Ele compreende por formação discursiva ou sistema de formação: “[...] um feixe complexo

³ Este estudo, que é parte da minha pesquisa de doutorado, tem o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deliberado pelo Comitê. No início de cada entrevista, apresentei os objetivos e procedimentos da pesquisa, para depois solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as normas de ética nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, escolhi identificá-los ao longo deste texto como Carlos, Luis, Jean e Gabriel. Foram contatados 15 alunos, desses, sete aceitaram participar da pesquisa. Neste texto, apresento trechos das entrevistas realizadas com quatro ex-alunos. Com relação à escolha dos sujeitos da pesquisa, destaco que são egressos dos anos de 2010, 2012 e 2015.

de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia” (FOUCAULT, 2013, p. 82). Ou seja, quando falamos em discurso econômico, político, feminista, psiquiátrico, médico ou pedagógico, estamos demarcando que cada um deles faz parte de um conjunto de enunciados, vinculado a um determinado sistema de formação ou formação discursiva: da economia, da ciência política, da medicina, da pedagogia, da psiquiatria (FISCHER, 2012).

Seguindo Fischer, saliento que, para Foucault, “tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente”, isto é, “[...] enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam” (FISCHER, 2012, p. 75). Assim, trata-se de analisar os discursos produzidos no contexto desta pesquisa, visto que isso

[...] ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera ‘expressão’ de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. É a esse ‘mais’ que o autor se refere, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do próprio discurso [...]. (FISCHER, 2012, p. 75)

Para o filósofo, hoje em dia, ao contrário de séculos passados, o saber aparece associado aos efeitos de poder. Quando questionado se é possível uma sociedade sem poder, Foucault responde: “o poder vai tão longe, penetra tão profundamente, é veiculado por uma rede capilar tão cerrada, que você se pergunta onde ele não existiria. [...] nós somos todos não somente o alvo de um poder, mas também seu transmissor, ou o ponto de onde emana um certo poder!” (FOUCAULT, 2006, p. 95).

Na pesquisa, o objetivo não é dar conta da totalidade de discursos materializados nas entrevistas, ou seja, não espero analisá-las à exaustão ou interpretar seus conteúdos intrínsecos, nem mesmo verificar se são falsos ou verdadeiros. No lugar disso, coloco-me a examiná-las a partir da superfície, buscando compreender o que condiciona a operação

sobre os ditos, ou seja, sobre a materialidade do discurso, sem procurar “identificar sua lógica interna e algum suposto conteúdo de verdade que carregam [...] nem mesmo buscar neles uma essência original, remota, fundadora [...]” (VEIGA-NETO, 2007, p. 97-98). Lembro que os discursos não estão “ancorados ultimamente em nenhum lugar, mas se distribuem difusamente pelo tecido social”; desse modo, marcam e instituem o pensamento de cada época, em cada local, e, por isso, produzem subjetividades (VEIGA-NETO, 2007, p. 100).

Foucault (2012, p. 8-9) argumenta que a produção do discurso, em toda sociedade, é, ao mesmo tempo, “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”, cuja função é “conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade”. Por isso, não considero o material de pesquisa que compõe o trabalho como fonte verdadeira e suficiente, mas como monumento, no sentido atribuído por Foucault (2013, p. 8), “onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos”.

No decorrer das entrevistas, escolhi, inspirada em Souza (2015, p. 48), formular uma questão (chamada pelo autor de “motivadora”) para dar início às entrevistas, seguida de outras perguntas cujas respostas poderiam contribuir para a investigação. A questão “motivadora” foi: “relate sobre a sua formação no curso Técnico em Agropecuária – IFRS-Sertão: que lembranças o curso traz à tona?”. A partir dela, os participantes narraram suas trajetórias profissionais como técnicos agrícolas e detalharam sua formação no IFRS, comentando sobre as aulas das disciplinas da formação técnica e da formação básica e relatando o que a instituição representou ou representa para suas vidas.

Considere fundamental “vagar” pelo campo investigativo, olhar para as entrevistas e observar o que elas diziam, “[...] conhecer suas sendas, suas brechas, estabelecer com eles algumas relações; para só, então, selecionar, recortar e destacar aquilo que o olhar do pesquisador permitiu ver” (LOCKMANN, 2013, p. 46). Trata-se de primar por um olhar cuidadoso e atento, “de um determinado ângulo, com o propósito

deliberado, de apreciar, de dizer sim ou não, [...] um olhar que sabe tanto de onde olha, quanto o que olha” (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Cada uma das entrevistas foi gravada após autorização para tal e transcrita na íntegra. Cada uma das entrevistas teve duração aproximada de 200 minutos. A respeito da escolha dos egressos Técnicos Agrícolas do Campus Sertão, destaco que foram indicados por um professor da instituição, da área de formação técnica, que os conhecia por terem sido alunos que se destacavam na participação, muitas vezes voluntária, em projetos de pesquisa e extensão e em monitorias das disciplinas.

Logo após as primeiras análises das transcrições, organizei os dados em uma tabela que possibilitou conhecer, mais detalhadamente, as informações contidas em tais entrevistas, o que foi me oportunizando fazer cruzamentos e perceber recorrências discursivas entre esses dados. Em seguida, resolvi voltar a entrar em contato com três dos entrevistados com a finalidade de esclarecer melhor alguns aspectos e fazer “novas” perguntas. Para essas “novas” entrevistas, usei a seguinte estratégia: apresentei a entrevista transcrita ao entrevistado e solicitei que lesse e completasse (ou suprimisse) alguma ideia. A partir disso, novas questões eram feitas por mim.

Vale aqui pontuar o quão importante foi utilizar os textos (entrevistas transcritas). Por meio dessa estratégia, percebo que os novos relatos ficaram mais ricos em detalhes. Importa salientar que, durante a leitura das transcrições das respectivas entrevistas, os entrevistados, a cada linha, procuravam reconhecer-se, dizendo: “mais fui eu mesmo que falei isso?”; “nossa, como falo difícil às vezes!”; “nessa parte, nem eu entendo o que disse, imagina você!”. Também saliento que, percebi, em suas falas, a preocupação em usar corretamente, em cada exemplo citado ou em cada pensamento expresso, os termos técnicos agropecuários ou científicos. Desse modo, busquei fazer de cada entrevista um exercício de escuta sensível. A seguir, apresento a análise empreendida sobre o material de pesquisa que compõe o corpus deste estudo.

Resultados e discussões

Operando com alguns conceitos na análise do material de pesquisa, tenho agora a intenção de mostrar os efeitos fabricados pelo discurso da tecnociência nos participantes do estudo – o modo como ela operou sobre esses sujeitos, governando-os e conduzindo-os a governar a si mesmos na direção da racionalidade neoliberal vigente no campo brasileiro. Resumidamente, Foucault (2008b, p. 203) destaca que, quando se fala em neoliberalismo, seja ele alemão, americano ou, como ele diz, “neoliberalismo contemporâneo”, três são as respostas encontradas:

Primeiro, esta: *do ponto de vista econômico*, o que é o neoliberalismo? Nada mais é do que a reativação de velhas teorias econômicas já surradas.

Segundo, *do ponto de vista sociológico*, o que é o neoliberalismo? Nada mais que aquilo através do que passa a instauração, na sociedade, de relações estritamente mercantis.

Por fim, terceiro, *de um ponto de vista político*, o neoliberalismo nada mais é que uma cobertura para uma intervenção generalizada e administrativa do Estado, intervenção tanto mais pesada quanto mais insidiosa e quanto mais se mascarar sob os aspectos de um neoliberalismo. (FOUCAULT, 2008b, p. 180, grifo nosso)

A partir de agora, apresento os excertos do material de pesquisa (entrevistas) que selecionei para compor o corpus de minha análise. Os sujeitos da pesquisa, quando indagados se têm “*como competir no mercado agrícola sem investir em tecnologias?*”, um dos egressos respondeu:

Nem pensar, isso não existe de *competir no mercado* sem ter tecnologia na propriedade [rural]. Hum! Está difícil de competir no mercado sem isso, sem essas tecnologias, está muito difícil! (CARLOS, 2015. Grifo nosso, Informação verbal⁴)

Em seguida, perguntei “Compensa financeiramente, investir nessas tecnologias?”

Sim! Compensa investir [tecnologias], porque o dano que, por exemplo, a lagarta faz [...] é muito maior do que o custo da tecnologia. [...] nós somos escravos dessa tecnologia. [...] com certeza sempre a gente vai ter

⁴ Informação fornecida por Carlos durante entrevista realizada na cidade de Selbach (RS), em setembro de 2015.

lucro com sementes modificadas geneticamente, porque se coloca semente normal [semente não transgênica], a semente sem ser resistente a lagarta come toda a planta e daí a lavoura não produz nada.” (CARLOS, 2015. Grifo nosso, Informação verbal)

Com relação à presença de tecnologias no campo e quais as vantagens da modernização do setor agropecuário no Brasil, os sujeitos da pesquisa, Luis, Gabriel e Jean, comentaram:

Com a tecnologia aumento bastante a produtividade, a produção aumento e também o profissionalismo do agricultor, o agricultor está mais preocupado em se capacitar em saber o que é lançado de tecnologia, em planejar o que faz na propriedade, visando maiores lucros com menor custo. (LUIS, 2015. Grifo nosso, Informação verbal⁵)

[...] novos produtos químicos que contribuem pra produção, novas sementes [modificadas geneticamente], novos tratos culturais, ou seja, uma série de técnicas que você emprega no cultivo. Então, a gente começou com o uso de plantas transgênicas, a parte de melhoramento vegetal, ah! Mesmo a cultivar que você colhia 30 sacas por hectare de soja, e hoje você tem cultivares novas [sementes modificadas geneticamente] onde você colhe 100 ou 80 sacas por hectares. [...] o setor agropecuário nas últimas décadas mudou muito, a gente triplicou a produtividade, a gente tem apostado em novas tecnologias. (GABRIEL, 2015. Grifo nosso, Informação verbal⁶)

A gente vai ter agricultores mais qualificados num curto espaço de tempo, com processos de produção muito novos, menos de dez anos, nós vamos estar trabalhando com Drones pra avaliação de doenças. [...] quem conseguir seguir os avanços tecnológicos vai competir no mercado, vai estar altura do mercado, os outros agricultores que não seguirem isso [investir em tecnologias], vão está fora do mercado agrícola, não vão ter lucro [pensativo!](JEAN, 2015. Grifo nosso, Informação verbal⁷)

Penso que os excertos acima permitem que se façam algumas inferências – ao se comentar, por exemplo, que “nem pensar [...] competir no mercado sem ter a tecnologia na propriedade [rural]”, porque “o dano que, por exemplo, a lagarta faz [...] é muito maior do que o custo da tecnologia”. Competir no mercado “está difícil [...] sem essas

⁵ Informação fornecida por Luis durante entrevista realizada na cidade de Selbach (RS), em setembro de 2015.

⁶ Informação fornecida por Gabriel durante entrevista realizada na cidade de Passo Fundo (RS), em dezembro de 2015.

⁷ Informação fornecida por Jean durante entrevista realizada na cidade de Passo Fundo (RS), em dezembro de 2015.

tecnologias, está muito difícil [...] Isso tudo são tecnologias novas que entram através dos pesquisadores que estão aí”. Efetivamente, “[...] quem conseguir seguir isso [avanços tecnológicos] vai competir no mercado, vai estar à altura do mercado, os outros agricultores que não seguirem isso [investir em tecnologias], vão estar fora do mercado agrícola [...], de modo que “não vão ter lucro”.

Os participantes da pesquisa também expressam que o “uso de plantas transgênicas”, ou seja, tecnologias vinculadas à área da biotecnologia⁸, é o que pode trazer maiores lucros para os produtores rurais e, conseqüentemente, favorecer sua inserção e permanência no mercado agrícola nacional e mundial hoje vigente, marcado por competitividade e busca incessante pelo crescimento financeiro. A tecnociência é tomada como a verdade que levará os produtores rurais a aumentarem a rentabilidade de suas propriedades. Portanto, está na ordem do discurso da tecnociência capturar a todos dentro da lógica do mercado neoliberal.

O papel da tecnociência nos excertos é entendido como um fim para se obterem lucros; o seu propósito não é “[...] gerar novos conhecimentos científicos, mas incrementar a capacidade de inovar e de transformar conhecimento em riqueza” (BOCASANTA, 2014, p. 41). Esse deslocamento de ênfases é caracterizado por Díaz (2007) como a crise da ciência moderna, fruto do desenvolvimento de um de seus subprodutos, a tecnologia. Segundo a autora, “a tecnologia é filha da ciência”. Porém, na atualidade,

[...] a tecnologia (informática, engenharia genética, fusão do átomo, meios massivos de comunicação, entre outros derivados da tecnociência) tem ocupado o lugar de verdade-poder que, até meados do século passado, ocupava a ciência, entendida como busca do conhecimento pelo conhecimento mesmo. Na era da pós-ciência, mais de 90 por cento das investigações se realizam em função de sua aplicação à realidade, isto é, da tecnologia. (DÍAZ, 2007, p. 35)

Na analítica que realizo aqui, seguindo a autora, considero o neoliberalismo como “forma de vida do presente” que institui certas regras, não apenas com o propósito de posicionar os sujeitos dentro de uma “rede de saberes”, mas também de “[...] criar e

⁸ A exemplo, temos as sementes geneticamente melhoradas, resistentes a doenças e com capacidade de adaptação a condições ambientais adversas às de sua origem (PEREIRA, 1999).

conservar o interesse em cada um em particular, para que se mantenha presente em redes sociais e de mercado” (LOPES, 2009, p. 155). Todas as pessoas são conduzidas pelo menos por duas regras que operam nesse jogo neoliberal, que fazem com que elas entrem e permaneçam jogando esse jogo econômico do neoliberalismo. São elas: “manter-se sempre em atividade”; e “todos devem estar incluídos” (LOPES, 2009, p. 155).

Com relação à primeira regra, não é permitido que ninguém pare de jogar o jogo, que ninguém “deixe de se integrar nas malhas que dão sustentação aos jogos de mercado”, assegurando-se que todos, ou a maior parte das pessoas, sejam contemplados pelas “ações de Estado e de mercado”. Assim, garante-se que Estado e mercado estejam cada vez mais vinculados, com a finalidade de “[...] educar a população para que ela viva em condições de sustentabilidade, de empresariamento, de autocontrole, etc.” (LOPES, 2009, p. 155). Sobre a segunda regra, a autora pontua que as condições de participação são três: “primeiro, ser educado em direção a entrar no jogo; segundo, permanecer no jogo (permanecer incluído); terceiro, desejar permanecer no jogo” (LOPES, 2009, p. 155).

Diante do exposto, considero que o produtor rural na atualidade, para entrar e, principalmente, permanecer no jogo estabelecido pelo mercado neoliberal vigente, deve seguir as regras, dentre elas: ser competitivo e ser empreendedor por meio da adoção de pesquisas biotecnológicas vegetais. Como explicou um técnico agrícola participante desta pesquisa, que finalizou seus estudos em 2012, e atualmente frequenta o curso universitário de Agronomia,

Na época, lá na década de 1980, você produzia 30 sacos por hectare e estava bom. Se chegava a 50 estava ótimo, [...]. Hoje a lógica é diferente, eu estou produzindo 70 mas eu já estou pensando em produzir 90 por hectare, é uma lógica diferente hoje. Hoje o mundo é capitalista. Então, a ideia é ganhar dinheiro! *A gente tem mais competitividade na agricultura, o povo [agricultor] quer ganhar dinheiro.* (GABRIEL, 2015. Grifo nosso, Informação verbal)

Na passagem acima, é expresso que os objetivos das atividades no campo brasileiro estão vinculados diretamente ao capitalismo vigente. A racionalidade neoliberal produz e conduz à expansão e à modernização do campo brasileiro. Esse processo age sobre o homem do campo, conduzindo-o para que siga a lógica imposta pelo mercado,

em que interesses giram em torno de obter e acumular lucros. O agricultor hoje é objetivado e subjetivado dentro dessa racionalidade neoliberal, de modo que, para obter mais lucros e ser competitivo, empreende esforços para manter-se jogando o jogo instituído pelo mercado neoliberal, em “[...] gradientes de inclusão que o produzam como sujeito ativo do jogo econômico neoliberal” (LOCKMANN, 2013, p. 124). O individualismo, a concorrência e a competição são alguns dos fundamentos que direcionam a racionalidade neoliberal. Essa racionalidade é compreendida, ao mesmo tempo, como “produto e produtora de regimes de verdade” (LOCKMANN, 2013, p. 60). Não é apenas produzida por princípios verdadeiros, mas também os produz e se manifesta mediante regimes de verdade específicos que vão, ao mesmo tempo, “[...] conduzir as condutas dos sujeitos e se atualizar por meio dessas práticas de condução” (LOCKMANN, 2013, p. 61).

Na perspectiva da lógica neoliberal que, nos dias de hoje, rege o mundo globalizado, nossa sociedade fixa-se e caminha na direção do individualismo, da competição e do empreendedorismo. O sujeito do neoliberalismo é governado pelo poder normativo dos valores econômicos, que migram da economia para a vida social, “[...] instituindo processos e políticas de subjetivação que vêm transformando sujeitos de direitos em indivíduos-microempresas⁹ – empreendedores” (GADELHA, 2009, p. 151). Nessa direção, “[...] a nova governamentalidade engendrada busca programar os indivíduos em suas formas de agir, sentir, pensar e situar-se diante de si mesmo através de determinados processos políticos de subjetivação, estabelecendo entre si relações de concorrência” (GADELHA, 2009, p. 151).

Nos excertos destacados anteriormente, é explicitado que “o mercado ficou mais exigente”, ou ainda, que houve uma “maior exigência de produção [de alimentos]”; com isso, “tivemos técnico agrícola que começou a qualificar o produtor” para que ele tenha “[...] método qualificado de plantio e manejo”. Para Gabriel, tendo acesso a conhecimentos “culturais que sejam mais viáveis, mais eficientes”, ele consegue aumentar a produtividade de sua propriedade e, assim, atingir as demandas do mercado

⁹ Inspirado na analítica foucaultiana, Gadelha (2009) discute inicialmente os modos como os indivíduos são produzidos a partir das práticas de governamentalidade neoliberal. Ao argumentar que o indivíduo é fabricado, dentre outros aspectos, por uma “normatividade econômico-empresarial”, o autor (GADELHA, 2009, p. 180) nomeia essa configuração como “indivíduo-microempresa”.

agrícola. Desse modo, como relata Gabriel, a “[...] pesquisa agrícola vai se especializando, e a tecnologia vai invadindo o campo”, ou seja, a tecnociência produz os efeitos desejados, expandindo-se e introduzindo-se cada vez mais no setor agropecuário brasileiro.

Os participantes da pesquisa enunciaram de modo recorrente que o aumento da produtividade é um dos elementos desencadeados pela expansão e pelo desenvolvimento da tecnociência no campo. A partir do avanço das pesquisas na área da biotecnologia, o produtor “triplicou a produtividade” em sua propriedade. Para um dos sujeitos, ao considerar o que chama de “agricultura velha” dos “anos 80”, quando “não tinha fungicida, herbicida, a gente não tinha plantas transgênicas”, as propriedades produziam “30 sacos por hectare”, e as práticas agrícolas eram pouco produtivas. Na atualidade, “você tem cultivares novas [sementes modificadas geneticamente] onde você colhe 100 ou 80 sacas por hectare”. Dessa maneira, o produtor rural tem “apostado em ideias novas [novas tecnologias]”, e a “pesquisa é o ponto-chave pra isso”, isto é, a tecnociência é tomada como a verdade que levará os produtores rurais a aumentarem a rentabilidade de suas propriedades. Ainda sobre o tempo em que as tecnologias começavam a ser aplicadas no campo, no início da modernização do setor agropecuário em nosso país, Sr. Carlos enuncia que “as grandes propriedades, com os herbicidas que tinham, não eram eficazes, o que acontecia [é que] eles colhiam mal”; ao contrário, hoje, “eles colhem mais que nós [pequenos e médios produtores rurais]”, o que faz que atinjam uma produtividade elevada em função do “poder de máquinas e tecnologias”.

Durante a segunda entrevista que realizei com Carlos, Luis, Jean e Gabriel, solicitei a eles que relatassem possíveis vantagens e desvantagens da modernização do campo, expressando suas opiniões a respeito dos avanços tecnológicos das últimas décadas. Sr. Carlos ressalta que “o custo é mais alto [das novas tecnologias]”, mas que o produtor rural tem um “retorno maior”. Em sua opinião, os agricultores são “escravos dessa tecnologia”, estão envolvidos na lógica do mercado neoliberal que opera sobre eles, levando-os a manifestar como verdade que vão obter “lucro” no uso de sementes modificadas geneticamente (transgênicas), o que não vai acontecer se cultivarem a semente denominada como “normal [semente não transgênica], a semente sem ser

resistente”, a partir da qual a “lagarta come toda a planta”, e a “lavoura não produz nada”.

Por conseguinte, o discurso da tecnociência produz a verdade de que os lucros na produção rural são obtidos pela adoção, por parte do agricultor, das tecnologias oferecidas pela área da biotecnologia. Digo que a tecnociência é um regime de verdade científico “[...] no qual a verdade constrange e liga porque e na medida em que é verdadeiro” (FOUCAULT, 2011, p. 84). Nessa analítica, os regimes de verdade, científicos ou não, “[...] comportam modos específicos de vincular, de qualquer modo constrangente, a manifestação do verdadeiro e o sujeito que o opera” (FOUCAULT, 2011, p. 85). Lembro que Foucault concebe a noção de regime de verdade para “indicar a existência de um dispositivo da verdade segundo o qual os discursos não apenas funcionam como verdadeiros, mas também [...] os procedimentos e as técnicas para obtenção da verdade são produzidos; o estatuto daqueles que dirão a verdade é definido” (AVELINO, 2010, p. 146).

Os excertos seguintes mostram também como, na contemporaneidade, assumem centralidade os processos de gestão da propriedade rural que atendem às exigências do mercado agrícola, marcado pela competitividade:

[...] *[O agricultor hoje] sabe o que está circulando. Tem internet nas propriedades. A gente fica a par de tudo que está acontecendo no mundo. [...] Hoje é acompanhamento diário do preço do dólar, do fechamento da bolsa de Chicago. Eu todas as noites, eu abro a internet e vejo o preço do dólar, quanto fechou a bolsa lá. Pra saber se posso comprar insumos, se posso vender meu produto.* (CARLOS, 2015. Grifo nosso, Informação Verbal)

[...] *Também o profissionalismo do agricultor, o agricultor está mais preocupado em se capacitar em saber o que é lançado de tecnologia, em planejar o que faz na propriedade, visando maiores lucros com menores custos.* (LUIS, 2015. Grifo nosso, Informação verbal)

Tais enunciações explicitam que a busca pelo desenvolvimento e pela competitividade no setor agropecuário brasileiro faz com que haja grande crescimento da necessidade de mão de obra capacitada para lidar com um mundo eivado de tecnologias,

de modo que “os próprios agricultores procuram as tecnologias novas” em empresas públicas ou privadas. O produtor rural, dentro da lógica neoliberal, é capturado pela tecnociência e conduzido a ser um empresário de si, ou seja, um sujeito que “[...] faz um certo número de despesas de investimentos para obter certa melhoria” (FOUCAULT, 2008a, p. 317). Trata-se de alguém que lança uma visão empreendedora sobre sua vida e se assume como o único responsável pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso (GADELHA, 2009).

Na sociedade neoliberal, o indivíduo passa a ser o encarregado de sua própria vida, de seu trabalho, de sua qualificação etc., sendo que, para manter-se e progredir nos tempos atuais, é preciso seguir aprendendo “ao longo da vida” ou por toda a vida (GADELHA, 2009). Na contemporaneidade, a educação e, em particular, a escola (como instituição parte dessa sociedade) têm sido partícipes na consecução desse projeto neoliberal, muitas vezes tomado sem questionamento, como o único caminho possível para o progresso individual e social (GADELHA, 2009; POPKEWITZ, 2009; VEIGA-NETO, 2001).

Quando o mercado é regulador das relações sociais, instaura-se, de maneira cada vez mais representativa, uma lógica competitiva. Torna-se uma obrigação, um imperativo, fazer investimentos sobre si. Entretanto, trata-se não apenas da quantidade de investimentos, mas da qualidade dos investimentos que se faz sobre si. Inseridos nessa espécie de cultura do empreendedorismo (GADELHA, 2009), consolidam-se os indivíduos-empresa.

Como apresenta Silva (2011), o neoliberalismo produz um sujeito de interesses, um *homo economicus*, diferente daquele do liberalismo do século XVIII. O *homo economicus*, em síntese, é o indivíduo “empresário de si mesmo”. Pode-se dizer que esse sujeito, fabricado no neoliberalismo, é aquele que “investe permanentemente em si mesmo” (SILVA, 2011, p. 101). Na perspectiva do neoliberalismo americano, o sujeito passa a ser o empresário de si mesmo, na medida em que constrói um produto que gera uma renda e também sua própria satisfação, no que produz e no que consome. Como sujeito que investe permanentemente em si mesmo (SILVA, 2011), o *homo economicus* do neoliberalismo

[...] não é simplesmente um sujeito que coloca o econômico na frente de todos os outros interesses de sua vida, mas o sujeito que trata de todos seus interesses como se fossem questões econômicas. Toda e qualquer decisão que irá tomar será pautada num cálculo de perdas e ganhos. É a partir de seus interesses e da ponderação dos riscos envolvidos que ele exerce sua liberdade. (LOPES; SARAIVA, 2011, p. 18-19)

Como relatado pelos entrevistados recém-formados e, atualmente, graduandos de Agronomia, o curso Técnico em Agropecuária servirá para que possam ter acesso ao ensino superior e/ou dar continuidade a seus estudos:

[...] *No técnico nós tivemos incentivo no momento da formação, os professores incentivavam nós a pesquisar [...]. Desse jeito, [tendo contato e realizando pesquisa] tu consegue concorrer a melhores lugares no mercado de trabalho [...]. Eu quis continuar estudando e hoje estou bem no que escolhi, daqui pra frente não sei, mas acho que vou seguir num mestrado e doutorado.* (JEAN, 2015. Grifo nosso, Informação verbal.)

Tinha o professor novo [no IFRS-Sertão] de culturas anuais [...], ele sempre trazia e usava nas aulas novas variedades de sementes, de soja e milho. Tinha outro professor que não era novo nem tão velho no curso ele nos ensinou o *cultivo de produção de mudas em vitro e como gerenciar a propriedade com GPS de alta precisão*. Eu aprendi no curso técnico lá em Sertão que eu preciso continuar estudando seja indo pra faculdade, ou fazendo cursos ou entrando em contato com empresas, pra saber o que estão pesquisando, o que vão lançar de novo no mercado [...] como devo continuar estudando diariamente e pesquisando seja na universidade ou na empresa que eu trabalhar. Isso vai fazer a diferença na minha profissão e eu vou conseguir melhores vagas e pra mim ser melhor sucedido. (GABRIEL, 2015. Grifo nosso, Informação verbal)

Os excertos evidenciam o entendimento de que a continuidade dos estudos é fundamental para inserir-se no mercado de trabalho e permanecer atuando como técnico agrícola. Dito de outro modo, há um governo no sentido de “aprender por toda a vida”, para que o sujeito escolar seja um empresário de si mesmo – para que ele próprio seja um indivíduo microempresa (GADELHA, 2009). Desse modo, em sua formação como técnico agrícola, o sujeito é estimulado a realizar investimentos sobre si mesmo que retornem, em médio ou longo prazo, para seu próprio benefício. É possível apontar que, nas tramas do capitalismo atual, se institui “uma espécie de cultura do empreendedorismo” (GADELHA, 2009, p. 179), que se dissemina por toda a sociedade.

Nesse contexto, a educação é considerada fundamental, pois faz parte do objetivo do governo da população tomá-la não apenas como “[...] sujeito de necessidades e de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, frente ao governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça” (FOUCAULT, 1999, p. 289). Dito de outra maneira,

[...] o interesse individual – como consciência de cada indivíduo constituinte da população – e o interesse geral – como interesse da população, quaisquer que sejam os interesses e as aspirações individuais daqueles que a compõem – constituem o alvo e o instrumento fundamental do governo da população. (FOUCAULT, 1999, p. 289)

Também se pode inferir, a partir do conjunto de excertos acima apresentados, que a qualificação profissional e a conseqüente inserção no mercado de trabalho dos participantes do estudo estão diretamente relacionadas às mais recentes reformulações curriculares do curso Técnico em Agropecuária, que abrangeram o uso das novas tecnologias. Portanto, nesse contexto de expansão da modernização do campo brasileiro, o produtor rural espera encontrar um profissional qualificado que conheça tecnologias vinculadas à área da biotecnologia vegetal e que consiga orientar os agricultores a usá-las.

Na contemporaneidade, a educação e, em particular, a escola tem sido participante na difusão do discurso neoliberal, muitas vezes tomado sem questionamento, como o único caminho possível para a ascensão pessoal e da sociedade como um todo. A escola teria como meta ser o “elo de ligação [...] entre o desejo do sujeito (de preferência, jovem) e o mundo da tecnociência, entre a vontade de aprender e a certeza de nunca ser possível aprender o suficiente” (BOCASANTA, 2014, p. 93).

Nas palavras de Veiga-Neto (2013), conceitos como os de população, governamentalidade, biopolítica, liberalismo – e, depois, neoliberalismo – constituem um todo muito “interessante, coeso e potente para compreendermos a gênese e o desenvolvimento dos Estados e das sociedades modernas” (VEIGA-NETO, 2013, p. 6). Nesse cenário, a educação desempenha um papel fundamental, produzindo indivíduos cujas subjetividades foram e continuam sendo fabricadas (nesses processos de gênese e

desenvolvimento) e, “[...] ao mesmo tempo, foram e continuam sendo produtoras desses mesmos processos” (VEIGA-NETO, 2013, p. 6).

Conforme Veiga-Neto e Traversini (2009), por meio da noção de governamentalidade, pode-se, por exemplo, entender melhor porque a educação escolar passa a ser, ao mesmo tempo, objeto e objetivo centrais para o Estado moderno, pois,

[...] na medida em que a escola tornou-se a instituição capaz de melhor e mais vigorosamente articular a genealogia do sujeito com a genealogia do Estado, também se compreende que a escola tem um papel preponderante nas transformações do mundo contemporâneo. (VEIGA-NETO; TRAVERSINI, 2009, p. 16)

Palavras finais

Na seção que encerra este artigo, trago as palavras de Foucault:

Não fique retomando sempre as coisas que eu disse! Quando eu as pronuncio, elas já estão esquecidas. [...] Tudo o que eu disse no passado é totalmente sem importância. Escrevemos alguma coisa quando ela já foi muito usada pela cabeça; [...] O que eu escrevi não me interessa. O que me interessa é o que eu poderia escrever e o que eu poderia fazer. (FOUCAULT, 2014, p. 295)

Inspiradas nas palavras do filósofo, escrevo estas últimas linhas com uma sensação de provisoriedade, convicta de existirem inúmeras possibilidades de olhar para a temática pesquisada e apresentada aqui, uma vez que sempre é possível dizer outras coisas, que o dito não foi totalmente esgotado. O artigo não teve a pretensão de construir verdades únicas; o que fiz foi procurar produzir um material de pesquisa o mais rico possível. Estou ciente de que o estudo gerou, apenas, algumas possibilidades de examinarmos e refletirmos sobre as formas como a governamentalidade neoliberal se articula com o campo da Educação. Diante disso, resalto algumas conclusões que podem ser evidenciadas a partir do exposto neste texto.

Para tal, afirmo que o material de pesquisa analisado, levou-me a fazer três inferências a respeito de como os egressos foram sujeitos e regulados pelo discurso da tecnociência. Primeiramente, os participantes da pesquisa são conduzidos e subjetivados pela lógica neoliberal competitiva, individualista etc. Em segundo lugar, os sujeitos da pesquisa manifestam que é por meio da tecnociência que os agricultores conseguirão uma maior produtividade em suas propriedades, o que os tornará dependentes das tecnologias. Competitividade passou a ser condição decisiva para continuar e progredir na atividade agrícola. Em terceiro lugar, as práticas de gestão da propriedade são fundamentais para inserir-se e manter-se no mercado neoliberal competitivo, operando sobre o agricultor e fazendo-o ser empresário de si e buscar aprender por toda a vida.

Segundo Morgenstern, o neoliberalismo não é uma maneira de “governo econômico”, mas um governo que precisa atuar sobre a sociedade e, por isso, é um “governo de sociedade que tem na competição seu mecanismo regulador” (MORGENSTERN, 2016, p. 181). Portanto, afirmo que os participantes do estudo são objetivados e subjetivados, seguindo a lógica do capitalismo vigente, a serem empresários de si mesmos. No cenário dos avanços tecnocientíficos – da tecnociência –, a verdade produzida insere-se em uma racionalidade cada vez mais disseminada, que busca tornar, cada um, empresário de si mesmo. O empreendedorismo constitui-se como “uma verdade dos nossos tempos” e “[...] cria novas subjetividades que aparecem em estreita consonância com a racionalidade neoliberal” (LOCKMANN, 2013, p. 138). Assim, concluo que a tecnociência é uma forma de exercício da governamentalidade neoliberal, isto é, considero que a tecnociência se vincula à racionalidade neoliberal sustentada por determinadas verdades que atuam sobre os sujeitos, conduzindo-os e fazendo-os conduzir a si mesmos. A tecnociência, por meio das empresas privadas e públicas, é mobilizada por um conjunto de práticas que regulam a produção de conhecimento agropecuário na contemporaneidade.

O curso Técnico em Agropecuária do IFRS-Sertão, como mostrei neste artigo, tem seus propósitos ampliados de acordo com o tempo em que está inserido, ou seja, em um momento de modernização do campo que tem como sua principal característica o desenvolvimento da área da Biotecnologia Vegetal, em que o discurso da tecnociência sujeita o futuro técnico em conformidade com as tramas da governamentalidade

neoliberal. Diante de tais considerações, finalizo dizendo que o referido curso, em conformidade com o discurso neoliberal vigente conduzia os seus estudantes a admitirem como verdade que a tecnociência era o que poderia levá-los a ter sucesso em sua vida profissional e a conseguir excelentes colocações no mercado de trabalho agrícola.

Referências

- AVELINO, Nildo. Foucault e a anarqueologia dos saberes. In: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos)**. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011. p. 17-37.
- BOCASANTA, Daiane Martins; KNIJNIK, Gelsa. Dispositivo da tecnocientificidade e iniciação científica na educação básica. **Currículo sem Fronteiras**, s.l. [*sine loco*], v. 16, n. 1, p. 139-158, jan./abr. 2016.
- BOCASANTA, Daiane Martins. **Dispositivo da tecnocientificidade: a iniciação científica ao alcance de todos**. 2014. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2014.
- CASTELFRANCHI, Juri. **As serpentes e o bastão: tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade**. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- CUPANI, Alberto. A racionalidade tecnocientífica e o seu desafio à filosofia da ciência. **Revista Dois Pontos**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 171-183, abr. 2015.
- DÍAZ, Esther. **Entre la tecnociência y el deseo: la construcción de una epistemología ampliada**. Buenos Aires: Biblos, 2007.
- DESUÓ, Naê Prada Rodrigues; PUCCI, Bruno. **As novas tecnologias, o capitalismo global e seus desdobramentos para o processo de(des)subjetivação humana**. Piracicaba: [s.n.], 2007. Disponível em: <http://www.unimep.br/~bpucci/nae-anpedinha-2007.pdf>. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2016.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FOUCAULT, Michel. O grande internamento. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos I. problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 80-120.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault: entrevistas**. São Paulo: Grall, 2006. p. 50-71.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980: excertos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GADELHA, Sílvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAGASNERIE, Geoffrey de. **A última lição de Foucault**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afóra**. São Paulo: Unesp, 2011.

LOCKMANN, Kamila. **A proliferação das políticas de assistência social na educação escolarizada: estratégias da governamentalidade neoliberal**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LOPES, Maura Corcini. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 153-170, maio/ago. 2009.

MORGENSTERN, Juliane Marschall. **Práticas de correção e aprendizagem: produção de subjetividades na contemporaneidade**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

PEREIRA, Marcelo Farid. **Evolução da fronteira tecnológica múltipla e da produtividade total dos fatores do setor agropecuário brasileiro de 1970 a 1996**. 1999. Tese (Doutorado em Engenharia) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

POPKEWITZ, Thomas; OLSSON, Ulf; PETERSSON, Kenneth. Sociedade da aprendizagem, cosmopolitismo, saúde pública e prevenção à criminalidade. **Educação & Realidade: Governamentalidade e Educação**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 73-96, maio/ago. 2009.

SARAIVA, Karla; LOPES, Maura Corcini. Educação, inclusão e reclusão. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 14-33, jan./jun. 2011.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **A constituição da docência no ensino médio no Brasil contemporâneo**: uma analítica de governo. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

SOUZA, Deise Maria Xavier de Barros. **Narrativas de uma professora de matemática**: uma construção de significados sobre avaliação. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2015.

TOLEDO, Neila de Toledo e. **Educação matemática e formação do técnico agrícola**: entre o “aprender pela pesquisa” e o “aprender a fazer fazendo”. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. Estudos biopolíticos e educação na América Latina: avaliação e perspectivas. In: COLÓQUIO LATINOAMERICANO DE BIOPOLÍTICA – CLAB, 4; COLÓQUIO INTERNACIONAL DE BIOPOLÍTICA Y EDUCACIÓN – CIBE, 2., 2013, Bogotá. **Anais** [...]. Disponível em: <http://docplayer.com.br/16640096-Estudios-de-biopolitica-e-educacao-na-america-latina-avaliacao-e-perspectivas.html>. Acesso em: 12 jan. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo; SARAIVA, Karla. Educar como arte de governar. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo; TRAVERSINI, Clarice. Por que governamentalidade e educação? **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 13-19, maio/ago. 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Recebido em: 16/05/2020
Revisões requeridas em: 15/02/2021
Aprovado em: 06/04/2021

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 23 - Número 51 - Ano 2022
revistalinhas@gmail.com